

---

# CINECLUBE, NARRATIVA E FORMAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS

Adriana Hoffmann Fernandes\*

Thamyres Ribeiro Dalethese\*\*

## INTRODUÇÃO

*O cinema e a prática cineclubista foi nos formando, constituindo nossa experiência de vida, mediando nossa relação com o mundo, com os outros e com nós mesmos. Tal como a música ou a literatura, eles possibilitaram de diferentes maneiras elaborarmos desejos, medos, paixões, afetos, tristezas, alegrias, sonhos... (MATELA, 2008, p. 112)*

Nesse artigo pretendemos apresentar parte da pesquisa realizada dentro de um projeto de pesquisa que encerrou-se em 2013. A pesquisa foi realizada nos contextos do ensino fundamental, médio e superior e apresentamos neste texto os achados relativos a pesquisa no ensino superior dentro de um cineclube que acontece na Universidade. O referido cineclube atinge o público de jovens universitários frequentadores do Centro de Ciências Humanas e Sociais, em especial estudantes de licenciatura em Pedagogia, futuros professores.<sup>1</sup>

Ao comporem uma determinada dinâmica da vida cultural de homens e mulheres, o consumo freqüente de filmes, a participação em cineclubes também atua na formação de valores éticos e estéticos, de perspectivas de mundo e gostos e, assim sendo, portam uma faceta educacional. Como nos aponta Duarte:

Espectadores de cinema, cinéfilos ou não, sabem, pela experiência, que o(s) sentido(s) do filme nunca é(são) dado(s) nele próprio e nunca é (são) apreendido(s) individualmente – daí a absoluta necessidade que têm de falar do filme com outros espectadores. (DUARTE, 2002, p. 9)

Assim como na citação anterior “o falar do filme” torna-se tão relevante para quem vê filmes no contexto do cineclube que essa troca adquire um sentido formativo que se amplia na relação com outras experiências vividas fora do cineclube. A pretensão aqui é perceber o valor

---

\*Professora adjunta no PPGEDU da UNIRIO e na Escola de Educação coordenando o grupo de pesquisa Cinenarrativas com pesquisas nas relações das crianças, jovens e professores com o audiovisual. E-mail: hoffadri58@gmail.com

\*\* Pedagoga formada pela UNIRIO e integrante do grupo de Pesquisa Cinenarrativas desde 2010. E-mail: thamydalethese@yahoo.com.br

<sup>1</sup> O Cineclube constitui-se como um projeto de extensão universitária articulado a graduação e pós-graduação numa Universidade Pública Federal do Rio desde agosto de 2010.

---

formativo dessas relações construídas pelos jovens no ensino superior através da frequência a esse cineclube e as relações estabelecidas com o cinema a partir de suas narrativas.

Para desenvolver tal reflexão apresentamos o entendimento acerca do cineclubismo e seu viés formador para, em seguida, apresentar as reflexões tecidas com parte do material empírico da pesquisa, trazendo neste texto as análises referentes às entrevistas realizadas com dez participantes do cineclube, estudantes de Pedagogia da Universidade. Interessava-nos conhecer e compreender suas experiências com o cinema, os modos de ver filmes, os valores éticos e estéticos criados ao longo da vida e que perpassam suas participações no cineclube.

Sabendo que os encontros do cineclube ocorrem nos horários das aulas e não configuram nenhuma atividade curricular, professores e estudantes interrompem suas tarefas acadêmicas, desmarcam atividades previstas, permitindo-se uma parada. Por isso, a participação dos sujeitos nos remete ao que o filósofo Jorge Larrosa (2002) configura como *gesto de interrupção*. Um gesto que não é medido, nem premeditado, mas que é tomado na despreensão do devir, de que algo nos aconteça, nos toque.

Apesar de buscarmos discutir através do olhar dos estudantes o valor formativo do cinema na universidade, percebemos em suas falas como suas redes de conhecimentos e culturas associadas ao cinema tornam-se expressivas na construção dessa relação. Ao elaborar o roteiro de entrevista, visávamos aprofundar a nossa percepção sobre alguns dos contextos sociais e culturais dentro dos quais os jovens se formaram como espectadores de filmes, quais elementos cinematográficos circulam em seus cotidianos e os sentidos que atribuem à prática de ver filmes.

Tomamos o termo *cultura do cinema* cunhado por Teixeira Coelho (2012) por entendermos que o cineclubismo como prática social funciona dentro de um dinamismo cultural muito mais amplo que assistir filmes e debatê-los, envolvendo estruturas significantes de consumo, uso e apropriação de elementos e sentidos produzidos coletivamente. O autor a define da seguinte forma

um universo sempre em expansão que abrange desde as mundanidades de uma *première* até as mais sofisticadas teorias sobre o que é projetado na tela, passando pelos casos sexuais dos atores, pelas vaidades e disputas políticas por mais mercados. A cultura do cinema se infiltra por toda parte, da memória mais íntima à roupa que se veste [...] (p. 109)

Na compreensão de que os cineclubes podem atuar como lugares que potencializam processos de significação, aprendizados e socialização dos sujeitos entende-se que, ao narrarem as relações e experiências construídas e compartilhadas em um cineclube, reportamo-nos impreterivelmente também a modos de participar e criar culturas desses sujeitos numa dimensão de formação destes que são ou serão futuros docentes. Sendo assim, quais são os valores e sentidos que

---

esses jovens atribuem ao universo do cinema? Como eles participam e percebem o cinema como parte de sua formação como docentes? Qual o papel do cinema na Universidade de acordo com eles?

A pesquisa dialoga com os estudiosos do cineclubismo tais como Gusmão (2008), Matela (2008) e Silva (2009) assim como com os autores como Duarte (2009) que nos permitem refletir sobre a experiência contemporânea desses jovens com os filmes. Encontramos também em pesquisas de recepção, sobretudo autores dos Estudos Culturais Latino-Americanos (Canclini, Martín-Barbero) a contribuição teórica para argumentar como concebemos os sujeitos da pesquisa, enfatizando o lugar de espectadores que produzem cultura e criam sentidos com o cinema. Mesmo considerando que tal experiência extrapola o espaço do cineclube já que os filmes também podem ser acessados on-line e vistos pela TV e pelo computador, nos interessou na pesquisa perceber tal experiência a partir do vivido no cineclube.

### **CINECLUBES E FORMAÇÃO – UMA PRÁTICA CULTURAL “PEDAGÓGICA”**

Dentre as ações pedagógicas e coletivas desempenhadas pelo cinema na era da reprodutibilidade técnica, destacamos o papel dos cineclubes como espaços significativos na formação social e cultural de seus participantes. A dinâmica dos cineclubes de reunir grupos para assistir e debater filmes pode ser considerada uma prática fundamentalmente educativa pois consolida-se na criação de ambientes socializadores, dialógicos e coletivos em torno dos filmes exibidos. Para pensar como a relação com o cinema dentro do cineclube pode se constituir como experiência no sentido que a denominam Benjamin e Larrosa encontramos apoio nos estudos que tecem considerações teóricas sobre a importância social e cultural dos cineclubes..

Mesmo sendo escassos os estudos que relacionam cineclube e educação destacamos os estudos de Gusmão (2008), Matela (2008) e Silva (2009) que apontam o caráter relacional desta prática como processo de formação cultural dos sujeitos envolvidos. Considerados como ambientes favoráveis à socialização e difusão cultural, os cineclubes são entendidos como espaços privilegiados de “aprendizagem informal de cinema, de troca de saberes e informações, de leitura e discussão de artigos sobre o assunto” (DUARTE, 2009, p. 66) atuando assim em redes de produção e consumo relacionados à arte cinematográfica, nos quais determinados valores, saberes e gostos são atribuídos coletivamente, criando sentidos e maneiras de ver e pensar sobre cinema.

Conforme afirmam as autoras, os cineclubes funcionavam como importantes fontes de articulação entre grupos e informações, configurando uma prática cultural que pode ser definida

---

como educativa. Desse modo, esses clubes contribuíram na formação cinematográfica e na “competência para ver” dos sujeitos envolvidos, situação criada pelo ambiente cultural e político que privilegiava determinadas cinematografias, como o cinema francês, italiano, soviético sob uma concepção de “cinema arte” que rejeitava a indústria *hollywoodiana*, legitimando maneiras de ver filmes já aprendidas socialmente.

Percebe-se com isto, a importância da prática cineclubista na formação e socialização das pessoas que encontraram nestes espaços a possibilidade de ampliar e transformar sua relação com o cinema. Os cineclubes constituíam-se como espaços mediadores no sentido que Martim-Barbero (1997) atribui na formação dos sujeitos com a cultura entendendo-se que tais espaços e as práticas neles vividas atuavam como mediadoras culturais da experiência deles com o cinema. Muitos intelectuais e artistas tiveram seus percursos de vida atravessados por esta prática.

É neste sentido que Silva (2009) atribui ao cineclubismo o lugar de “significação e ressignificação de conhecimentos variados” (p. 146), possibilitando aos participantes tecerem aprendizados e relações que encontram permanências em outros contextos sociais, culturais e históricos. Isto significa que a convivência e participação em cineclubes pode deixar traços constituintes dos sujeitos.

Matela (2008) reforça essa percepção ao apontar em seu estudo o papel dos cineclubes em épocas como a da ditadura em que estes atuaram expressivamente como espaços de exercício da cidadania, de formação coletiva de seus protagonistas, traduzidos nos momentos de debate, pesquisa e troca que valorizavam a pluralidade de olhares e saberes compartilhados, em detrimento da atmosfera autoritária e opressora vivida naquele momento histórico. As experiências cineclubistas, portanto, caracterizaram-se ao longo da história por práticas de reflexão, discussão e criação de sentidos transformadores da realidade e do papel de cada um frente a ela.

É nesta perspectiva que se compreende a dimensão educativa dos cineclubes, na medida em que a frequência e participação nessa ambiência fortemente cultural e crítica contribui num aprendizado informal da maneira de se relacionar com filmes. A apreciação por cinema, a sensibilidade estética e a capacidade criteriosa de julgar e avaliar certas obras cinematográficas são formas de aprendizado que se constroem em contextos que propiciem o contato com filmes de diversos tipos, que valorizem a diversidade de formatos artísticos, narrativos e culturais das obras, garantindo assim a pluralidade de relações e ideias.

Ao que parece, foi mais eficiente o trabalho de formação realizado no âmbito dos clubes de cinema, especialmente no que diz respeito aos gostos e preferências cinematográficas dos atores sociais que foram formando uns aos outros, de geração em geração, numa rede que

---

pressupôs a troca de saberes e a produção/reprodução de valores, crenças por meio de práticas compartilhadas. [...] Esse fator funcionou tanto como elemento articulador de grupos quanto como fonte de conhecimento e informação, configurando uma prática cultural que pode ser definida como “pedagógica” (GUSMAO, 2008, p. 13).

Para tanto, a ação pedagógica desses clubes de formar “sólida prática de crítica cinematográfica, de falares e olhares sobre os filmes” (SILVA, 2009, p. 142) exige muitas vezes de seus participantes investimentos mais amplos no que tange a sétima arte. Muitos grupos e organizações ligados a cineclubes sentem a necessidade e vontade em aprofundar seus conhecimentos e informações sobre os filmes, diretores, teoria do cinema e técnicas cinematográficas. Percebe-se com isto que os cineclubes não contemplam apenas exhibições e comentários de filmes, mas abrangem uma rede mais ampla de atividades de estudo, leitura e pesquisa e até mesmo cursos e palestras, festivais e mostras culturais que criam diversas redes relativas ao universo do cinema constituindo o que Coelho (2012) nomeia por cultura do cinema.

Para escolher os sujeitos que seriam entrevistados fizemos um questionário com cerca de 70 jovens participantes do projeto e destes escolhemos apenas 10 para entrevistarmos. A escolha foi pelos 10 com maior participação no projeto do cineclube e foram realizadas no final de 2012. No desenrolar das entrevistas, notou-se que, mesmo para falar do cinema e da prática cineclubista no espaço acadêmico, os jovens recorrem a elementos do cotidiano, histórias de vida, gostos pessoais e valores relacionados à cultura do cinema que aqui vamos nomear por *culturas de cinema*. Estamos entendendo que as diferentes relações de aprendizagem com o cinema constroem não somente “uma cultura” mas várias entendendo que tais *culturas* podem ser articuladas apontando o pertencimento desses jovens pelas relações e conhecimentos construídos com os filmes em sua dimensão coletiva. O espaço da Universidade pode ser espaço de troca e construção de culturas sendo a do cinema a que focaremos nesse momento. Assim, com o objetivo de analisar em que medida o cineclube pesquisado atua nesta trajetória atravessada por esses jovens na universidade, elencamos alguns aspectos que sobressaíram nas entrevistas para orientar nossa discussão: 1) **o cinema e experiência formativa** na vida (na família, nos círculos que frequentam, nos acessos via cinema, Tv ou internet), em seguida procuramos perceber como os entrevistados abordam 2) **a relação com o cinema na universidade associadas ao cineclube**.

### **CINEMA E EXPERIÊNCIA FORMATIVA – NARRATIVAS DOS JOVENS SOBRE CINEMA NO COTIDIANO**

Nas entrevistas quando questionados sobre sua relação com o cinema a maioria dos jovens entrevistados fala sobre suas histórias de vida com o cinema e a maior parte deles demonstra grande

---

envolvimento e interesse, revelando a presença expressiva do cinema em suas vidas desde a infância. Os relatos dos sujeitos nas entrevistas expressam sempre experiências coletivas, situações e hábitos compartilhados com familiares ou círculos de amizade entremeados por lembranças afetivas e filmes marcantes. Em determinados relatos, os próprios sujeitos parecem reconstruir suas *trajetórias de vida permeadas pelo cinema, reconhecendo o papel relevante do outro, de um parente próximo, de amigos na formação dessas tramas*, como apontam as falas seguintes:

**Eu sempre gostei muito de cinema, sempre fui envolvida de alguma forma.** Quando eu era criança, assim, eu ficava perturbando o meu pai, ia na locadora toda semana, alugava os mesmos filmes toda semana, **aquela coisa de criança. Um hábito lá em casa. Porque bem ou mal meu pai me levava toda semana na locadora, a gente ia, alugava os filmes, então...** Eu acho que eu tinha essa aproximação com a linguagem desde cedo, então pode ter influenciado pra fazer as escolhas que eu fiz depois. (V – curso de Pedagogia)

Mas eu ia muito ao cinema antes de entrar na faculdade, aí sim, eu ia pra filmes hollywoodianos, assistir filmes de cartaz, com amigos da escola, amigas da escola, assistir, por exemplo, a série “Harry Potter”, assisti a todos os filmes, desde o primeiro. Depois com o pessoal do ensino médio, mas com quem eu ia mesmo era com meu irmão e minha cunhada. A gente ia sempre, assim, uma vez por mês ao cinema. Eles me levavam. Mas pra ver filmes do grande circuito. Eles me chamavam. Mas eu sempre gostei de cinema e queria ir e eles, por saberem que eu gostava de cinema, e que a minha mãe não saía e tudo, eles me chamavam e acabavam me levando. (T. – Curso de Pedagogia)

**Eu nasci numa família que ia periodicamente ao cinema**, então quando eles iam eles me levavam. Então na minha infância eu ia pra esses filmes que tão em cartaz, infantis, Disney, essas coisas, eu sempre ia com os meus pais. Depois que a gente se desprende desse núcleo familiar, de programinhas tão familiares e, digamos, mais próprio da infância e da criança, eu comecei a ir ao cinema, claro, por conta própria e fui diminuindo um pouco o ritmo. (I. – Curso de Pedagogia)

**Eu lembro que pequena, uma vez minha mãe levou a gente ao cinema** para poder ver Xuxa (risos). Todo mundo, eu e minhas irmãs pequenas indo ver Xuxa. A lembrança que eu tenho melhor da minha infância no cinema. E depois eu já lembro muito vendo filme, que **lá em casa todo mundo gosta muito de ver filme.** (S. – Curso de Pedagogia)

Na dimensão da narrativa em Benjamin (2012), os relatos compartilhados nas entrevistas apresentam sentidos intencionalmente criativos e inventivos de contar e pensar a própria história. A função da pesquisa surge nesse momento, ao convidar os sujeitos a revisitar suas histórias de vida. As memórias trazidas de *espaçostempos* passados são entrelaçadas com o hoje, intercambiando experiências de diferentes tempos e lugares. No processo de recordar os sujeitos desencavam, selecionam, imaginam e refletem sobre filmes, pessoas, gestos, comportamentos e sentimentos que perpassaram suas trajetórias de vida com o cinema. O valor narrativo nesse movimento de contar

---

suas histórias reside na possibilidade de confrontar experiências passadas com os sentidos atribuídos no presente.

A família que ia ao cinema, a locadora que o pai ia para alugar filmes, os filmes que viam com os amigos da escola, todos implicam em processos eminentemente formativos para os sujeitos. Na medida em que contam/narram, eles puxam fios da memória, desfiando as lembranças que se emaranham em novas tessituras, criando novas tramas da vida e de si. Os relatos se revelam narrativas quando ao contar suas histórias, elas ganham novos sentidos e, portando, são recontadas e inventadas, potencializando outros aprendizados e experiências com o cinema.

Nesse caminho narrativo, as falas também apontam outros indícios pelos quais podemos seguir na apropriação de sentidos criados na relação com o cinema. A narrativa não se constrói apenas da rememoração de experiências longínquas, de uma época distante do contexto e momento em que é narrada. Para Benjamin, a arte de narrar busca na experiência sua matéria, a fonte para ser tecida e compartilhada. Com isso é que entendemos que toda coisa narrada sempre traz marcas significativas que atravessaram e ainda atravessam as identidades dos sujeitos produzidas em suas experiências com filmes. As narrativas associam cinema à experiência vivida com outros. E falar de cinema é também falar de filmes e, assim como as redes de amigos e a família, as culturas de cinema também se formam nas práticas de consumir e interagir com as imagens e narrativas fílmicas

Esse relembrar também pode associar-se à prática de rever que é também algo significativo nos modos como os jovens relacionam-se com os filmes. Essa necessidade de rever, repetir aparece associada a filmes marcantes, que lhes tocam ou referem-se a um tipo de filme de suas preferências:

**Tem essa coisa de ver várias vezes.** Então, eu alugava sempre o mesmo filme e agora se eu gosto muito de um filme eu compro e **fico vendo de novo e ninguém aguenta ver comigo. Eu vejo sozinha, várias vezes.** (V- Curso de Pedagogia)

**Filme que me toca eu não consigo assistir uma vez só.** Não consigo cansar. Aquela coisa da experiência que você tem começo, meio e fim e acabou. Não. Quando eu assisto de novo eu acabo me emocionando, **me atentando para as mesmas partes.** (I- Curso de Pedagogia)

Eu gosto muito de filmes da Jane Austen. Conhece a Jane Austen? Orgulho e Preconceito, Persuasão, Emma... **Todos esses filmes eu vejo, revejo.** Todo mundo que vai lá em casa eu boto para ver, meu namorado tem que ver também. É tanto filme que eu gosto. (S – Curso de Pedagogia)

Os filmes que eu acho clássicos e que eu vejo nas Lojas Americanas que está baratinho, tipo doze reais, eu levo para casa. **Aí, eu posso ver, rever,** eu empresto. (M – Curso de Pedagogia)

---

“Essa coisa de ver várias vezes” porque “filme que toca não consigo assistir uma vez só”. *Os filmes que gostam veem e revem*. Tais falas apontam como relacionam-se com os filmes que gostam de modo diferente, comprando o filme, revendo-o, emprestando-o aos amigos e ampliando as trocas para além do momento do ver. Nesse sentido, o consumo como definido por Nestor Canclini (2010) acontece como um “conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos” (p. 60). Na compreensão de que os filmes constituem elementos culturais fomentadores de significações e sentidos do mundo, o consumo desses bens também integra e intervém em modos de pensar, criar e agir na vida coletiva em sociedade. Tomando essas ideias que questionamos qual o sentido atribuído em assistir novamente, ou várias vezes partes já conhecidas de filmes? Esse tipo de prática, costume de rever determinados filmes várias vezes sinalizado na maioria das falas, sugere um consumo na contramão do senso comum que o reduz a gastos supérfluos e irracionais. A recorrência nos relatos dos entrevistados em assistir determinados filmes diversas vezes reitera-se em pesquisas anteriores sobre a relação dos jovens e até mesmo das crianças com a TV e outras mídias (Fernandes, 2012). O “conta outra vez” das histórias da literatura e populares repete-se também nas relações desses jovens com os filmes. Um filme como objeto de consumo pode se transformar através dos usos e apropriações que o espectador constrói ao assisti-lo, bem como o espectador se transforma ao descobrir-se sujeito/consumidor nas relações construídas com o filme. Como nos aponta Orozco o consumo de tais produtos culturais aponta que a construção de sentidos ocorre “antes, durante e depois” da audiência ao filme propriamente dito. São vários os momentos que levam a construção das relações com esse universo que denominamos *culturas do cinema*.

É interessante notar, por exemplo, a necessidade de um dos jovens em retomar cenas que lhes causaram emoção, de estar atento às mesmas cenas como ele mesmo afirma. Essa repetição é sem dúvida associada a filmes que lhes tocaram, deixaram vestígios que podem se configurar em experiências no sentido que Larrosa (2002) nos fala. Mesmo na impossibilidade da experiência se repetir, é preciso sempre um reencontro que reafirme os valores, sentidos e sentimentos construídos naquela relação. Trata-se da *experiência* como a denominam Benjamin e Larrosa, algo que deixa marcas e transparece em suas narrativas.

Isto é, os filmes que marcam são filmes que deixam rastros e se desdobram em experiências, imaginários, emoções, afetos e histórias carregados de sentidos coletivos e formadores. Tal como Larrosa conceitua o sujeito da experiência como *território de passagem* (2002), o espectador se define pela disposição e receptividade para ser atravessado pelo filme que assiste.



---

*Os motivos apresentados para justificar suas preferências fílmicas* também são bastante variados. Uma das jovens relaciona a intervenção da literatura nas suas escolhas de filmes: “Ah, isso é uma coisa interessante, mas eu gosto de ver filmes que vieram de livros que eu goste muito.” Já outra atribui um critério mais subjetivo para selecionar filmes: “Eu gosto de filme que não me dá respostas prontas, assim. Eu gosto de estar impactada, de alguma forma. De ficar remoendo aquilo, um tempo. Não gosto de filme fácil.” Alguns não chegam a citar filmes específicos, trazendo nomes de atores e diretores como elementos motivadores na relação com os filmes como a estudante que diz: “Eu tenho dois autores que eu sou completamente apaixonada que é o Woody Allen e o Pedro Almodóvar. Eu sou apaixonada por eles, eu vejo tudo que eles fazem.” E essa relação se revela não só por diretor mas por atores como nos diz outra jovem: “Eu tenho uma relação com atores também, atores que eu preciso acompanhar sempre.”

Outro ponto relevante que surge na maioria das entrevistas é a *distinção entre filmes fora do circuito industrial e filmes comerciais* que aponta para uma forma significativa de consumo e de como compreendem e se relacionam com filmes. Algumas denotam um certo desprezo pelas produções hollywoodianas ou *blockbuster*, apresentando esse tipo de conhecimento para discriminar filmes bons e filmes ruins.

Eu tento me informar mais sobre esses filmes alternativos porque eu não costumo gostar muito do que está passando nas salas. Eu amo cinema, mas não gosto de ver *Lanterna Verde, Hulk, Batman*. (M- Curso de Pedagogia)

Quando eu digo “ir ao cinema”, não necessariamente numa sala de cinema com essas apresentações de filmes hollywoodianos que também não são os que mais me apetece, mas algo alternativo, né? Estação, Cine Santa, deixa eu ver... Arteplex. (T curso de pedagogia)

Percebe-se como a criação desses critérios é decisiva nos modos de escolher e avaliar filmes, constituindo assim uma forma de ser espectador. Duarte fala que a criação dessas categorias repousa numa *concepção de cinefilia* (2009, p. 64) com a qual os sujeitos tendem a valorizar produções que abordem temáticas mais complexas, experimentais que envolvem também práticas de pesquisa e investimento intelectual sobre cinema. Tais práticas de consumo também configuram como se reconhecem, de que comunidade interpretativa participam. Dessa forma parte dos entrevistados admitem a baixa frequência a salas de cinema, denotando outros hábitos adquiridos para se relacionar com a arte cinematográfica.

Hoje em dia, eu ir ao cinema é um pouco difícil, eu assisto filme em casa mesmo, **baixo na internet ou pego filme com alguém e assisto no meu computador. É bem diferente né cara, a sensação é outra**, na verdade eu não tenho ido muito ao cinema porque eu moro em Niterói e as salas de cinema que tinham lá praticamente todas fecharam, (A – Curso de Pedagogia)

---

Cinema virou um lazer um pouco difuso. É um pouco disperso hoje em dia, na minha experiência atual. Não sei se cabe falar aqui, mas eu baixo muitos filmes na internet (fala rindo com certa “vergonha”), acho que não cabe, né? É pra falar de cinema? **Eu baixo muitos filmes em alta definição, coloco no meu HD externo, assisto o filme e a experiência é outra. Não digo nem que é melhor ou pior, mas é outra experiência.** (I – Curso de Pedagogia)

O acesso a filmes pela internet, através de compra, locação de filmes em DVD e cópias não autorizadas sobressaem como formas que os sujeitos buscam para assistir a filmes. Evidencia-se com isto um consumo de filmes muito mais relacionado com esses suportes “para ver em casa mesmo” do que a frequência de salas de cinema.

### **CINEMA NA UNIVERSIDADE – ACONTECIMENTO E A RELAÇÃO COM O CINECLUBE**

Mesmo acessando os filmes em diferentes suportes na atualidade, vemos que uma parte dos jovens ainda frequenta algumas salas de cinema tanto quanto buscam e utilizam outros meios e recursos para o consumo de filmes. No entanto, essa frequência ao cinema tem um objetivo específico como nos aponta a fala seguinte que corrobora a de outros entrevistados:

O cinema é mais um acontecimento. Estou querendo comemorar alguma coisa, tive uma semana muito estressante, então eu vou ao cinema. (J.)

Essa imagem trazida pela jovem remete inevitavelmente às palavras de Larrosa que chama o sujeito da experiência de “espaço onde tem lugar os acontecimentos” (2002, p. 24). Ponto chegada, território de passagem ou lugar do acontecer são termos que o autor utiliza para se referir ao sujeito no qual a experiência passa. Isso supõe que a experiência não é o acontecimento, mas o que torna o sujeito vulnerável a habitar acontecimentos. Sendo assim, o acontecimento é sempre exterior a nós, algo que não resulta das nossas ideias, projeções, vontades e poderes. O acontecer não depende da ação e planejamento da pessoa, apenas de sua ex-posição ao que é diferente do que ela pensa, diferente do que ela sabe, diferente dos discursos e práticas nos quais está acomodada. Neste sentido, a prática de ir a salas de cinema é sentida e tratada pela maioria como ocasião especial, um ritual como disseram, que não deve ser reduzida a uma situação corriqueira. A noção do *cinema como acontecimento* repousa neste entendimento de escapar temporariamente dos regulamentos e linearidade da vida cotidiana e se lançar ao que está fora de nós, abrir em si um caminho para que o novo e inesperado ganhe passagem.

Assim, a grande maioria dos entrevistados faz referência ao cinema como um programa social, evento ou passeio.

---

É uma espécie de ritual, né? Um ritual de você ir ao cinema, de estar ali no coletivo, partilhando daquela experiência de ver aquele filme, enfim, tem todo um ritual que em casa não tem. (T – curso de Pedagogia)

Esse ritual aponta também que a frequência ao cinema é algo especial. Assim como os diálogos e reflexões partilhados nos debates do cineclube, as entrevistas também configuram movimentos de narração no sentido benjaminiano. Nas entrevistas individuais, no entanto, o exercício de escuta e fala adquire uma dimensão metodológica mais aberta e dialógica que visa compreender os sentidos que esses sujeitos já produzem com o cinema. Na medida em que os entrevistados/narradores são convidados a colaborar com a pesquisa a contar de si, isto é, ao voltar na memória, resgatam histórias de vida com o cinema na Universidade.

Essa percepção do caráter formador do cinema dentro da universidade é evidenciada em algumas falas de entrevistados. Nesse exercício de narrar o cinema dentro da universidade, eles não só problematizam o lugar que ele ocupa no âmbito acadêmico, como buscam pensar nas pontes e diálogos entre o cinema e a própria formação.

(o cinema) **faz parte, da universidade, da escola, da nossa vida como um todo. O cinema também é uma forma de aprendizagem.** As pessoas não enxergam dessa forma. E a gente está aprendendo, está crescendo, amadurecendo. (S – curso de Pedagogia)

Eu acredito que ele (cinema) deve **ser incorporado na universidade de uma forma planejada e sistematizada mesmo, mas sem com isso perder a participação coletiva,** espontaneidade, atendendo a demanda das pessoas. Mas ser sistematizado mesmo, porque faz parte da construção cultural ali e tal, você ter isso como formação. Então, assim, é bom que tenha isso, em ter espaço sistematizado para você enriquecer a sua experiência com o cinema, é importante. (A curso de pedagogia)

Enquanto uma das jovens aponta que “o cinema faz parte da nossa vida como um todo” entendendo-o também como forma de aprendizagem a outra comenta que o cinema, no seu ponto de vista, deve ser incorporado na Universidade de forma planejada e sistematizada. As duas parecem reconhecer a presença do cinema dentro da universidade, de forma sistematizada ou não tendo um reconhecimento do valor coletivo das imagens fílmicas na formação cultural das pessoas.

Em outro momento das entrevistas, buscamos trazer dos entrevistados seus olhares e dizeres para o cineclube e para a própria experiência construída enquanto espectador. Nas falas a seguir, eles contam como conheceram o projeto, suas motivações e expectativas para participar e continuar a frequentá-lo.

“O leitor”, a “Janela da alma” e “Carregadoras de sonhos” foram três filmes em que a professora deixou a gente ir assistir o filme e discutir depois em sala. Ela pediu pra gente assistir, fazer uma relação com a disciplina. Sobre a questão da leitura e da escrita. Discutir um

---

pouco o filme, o que a gente compreendeu e como a gente enxergaria, como a gente poderia se situar naquele contexto da menina que não sabia ler e pedia pra outra pessoa ler. (I curso de Pedagogia)

Foi num dia que eu não tinha aula e eu fui assistir. Depois as professoras das disciplinas também levavam. E depois eu gostei. E tinha disciplina que você conseguia negociar: o professor não vai, mas deixa que você vá, e tem outras que não dava pra negociar e aí não tinha jeito. No início era porque era disciplina. As disciplinas pediam pra levar, pra ir. Depois eu comecei a gostar. Assim, vivendo na experiência mesmo de ver o filme e depois discutir sobre o filme, aí comecei a gostar. Alguns professores não levavam, mas aí eu falava que ia, eles deixavam e eu ia. E quando não deixavam... Teve dois... Teve uma vez que uma professora disse que não podia abrir mão da aula, eu tinha direito a falta, faltei. E acabou! (T – curso de Pedagogia)

O que dizer da experiência desses sujeitos com o cineclube na universidade? É claro nesses relatos como o papel do professor que permite a ida se mostrou fundamental para a entrada desses sujeitos no cineclube, mesmo que seja em favor de sua própria disciplina. Dessa forma, quando há o desejo de estar presente em algum filme e debate, os estudantes também sugerem a seus professores que levem a turma, como dizem ao criar argumentos e estratégias de negociação.

Outras estudantes demonstram um outro aspecto de envolvimento com o cinema que revela o interesse e curiosidade em vivenciar uma atividade nova na universidade: a experiência cineclubista.

É uma coisa que estava faltando, uma coisa que eu acho maravilhosa e que estava faltando. Tudo de bom! **São feitas sessões de cinema, não com filmes de cinema que passam no cinema...** A maioria dos filmes eu já vi, aí eu quero rever e chamo o Pedro e a gente vem para uma sessão de cinema. É muito bom! **Na universidade e podendo ainda conversar sobre o filme depois.** Eu acho muito legal a ideia do projeto. A gente sempre passa pela primeira Unirio e lá tem sempre um cartaz do Cinema e Psicanálise e eu sempre queria ir lá, só que é lá, é longe e é sempre nos horários de aula. Aqui (prédio do CCH), por mais que seja no horário de aula, além de alguns professores liberarem, é aqui, aqui embaixo, é pertinho, dá para a gente ir, matar aula se for o caso... para ver um filme acho que vale a pena. (M curso de Pedagogia)

Eu comecei a participar quando veio a ideia de sala de exibição lá no prédio do CCH, achei superinteressante, foi produtivo e aí geralmente você vem para aula e os professores quando liberam para ver o filme, “pô”, não tem porque você não ir, você já tá aqui, você vem para a aula, então vai acontecer um filme, vamos ver o filme, é super enriquecedor sim, parar e ver o filme ali, todo mundo e, discutir depois. (A curso de Pedagogia)

Ao narrar suas participações no projeto, eles avaliam o lugar e significado do cineclube na Universidade, percebendo-o como espaço alternativo de vivenciar a travessia enquanto

---

universitário. A proposta de assistir e debater os filmes em meio à práticas de formação acadêmica surge como possibilidade de ampliar, diversificar e pluralizar a trajetória na universidade.

Os relatos tomam o cineclube como esse *gesto de interrupção* nessa vontade de parar, suspender os rituais e obrigatoriedades de sala de aula o que pressupõe um gesto de busca e de risco. Assim, ao arriscar-se abdicar temporariamente das demandas disciplinares do dia a dia, os sujeitos procuram intencionalmente deslocar e reinventar olhares e relações com a universidade, que não sejam vinculados ao saber vivenciado, produzido, habilitado apenas na sala de aula.

Esse gesto de interrupção que requer a abertura e disposição para escutar, olhar, abrir e se expor ao outro é evidenciado em muitos relatos. Reconhecem o lugar do outro como aquele que lhe é externo, diferente, mas também constituidor da sua experiência, quem provoca, incita e contribui na construção de olhares e significados novos sobre o filme. Contudo, algumas falas deixam expressar como a diversidade de sentidos apropriados e partilhados a partir dos filmes podem causar incômodos, que é próprio também do que nos afeta.

Você discute com pessoas que você conhece, outras que você não conhece, e sempre surge uma questão nova, que te faz pensar, e isso me motivou a ir ao encontro. Porque se for só pelo filme, eu não sei se eu iria. Não vou nem dizer que eu gosto dos debates, porque a gente não sabe como vão ser, mas a possibilidade de ter o debate. **Eu mesmo quase não participo, mas gosto de ouvir o outro...** (I - curso de Pedagogia)

Sinceramente, a parte que eu mais gosto (os debates) – sem contar o filme, que é uma experiência ótima. Mas eu gosto muito dos debates. Porque você tem a possibilidade de compartilhar pontos de vista, ouvir o ponto de vista do outro que, muitas vezes, te mostra ou te convida a pensar em uma coisa que você nem tinha pensado. Agora, claro que tem aquelas pessoas que falam umas coisas que você fica arrepiado. Né? Eu fico arrepiado, me dá um frio na espinha, mas faz parte, é lidar com o outro, né, com a diferença. (T - Curso de Pedagogia)

Parte dos entrevistados admitiram participar e gostar dos momentos de debate após os filmes, embora nem todos participem deles com opiniões, apenas pelo gosto em ouvir o outro. O momento do debate aparece como oportunidade para expor opiniões e explicações sobre o filme, como momento de troca, escuta, confronto de ideias, ampliação do olhar e da reflexão. Os entrevistados também valorizam a fala do outro, mesmo que controversa, como legítima na dinâmica dos debates. Isso sugere uma compreensão do olhar do outro que também constitui o olhar que construímos com o filme. Os relatos tecidos ao longo dos debates podem ser entendidos como narrativas criadas a partir das marcas provocadas pelo filme. No movimento de narrar e escutar os sujeitos dialogam, aprendem, refletem e compartilham com as experiências trazidas pelo filme. Afinal, o filme nunca é um lugar fechado em si, mas habita possibilidades e experiências.

---

Contar histórias com os filmes e sobre eles é criar narrativas que são sempre carregadas de sentidos afetivos, políticos, culturais e subjetivos que no ato de narrar se inventam e inventam o outro, contadores e ouvintes. A narração tem sua existência determinada dentro de uma comunidade, pois precisa da relação direta e interessada entre narradores e ouvintes, num processo coletivo de entrega e abertura em que os sujeitos recorrem às suas experiências e às experiências de outros para tecer as narrativas. Por isso, elas nunca se esgotam, narrar é perpetuar, passar adiante, fiando e desfiando artesanalmente histórias de vida, memórias e conhecimentos. E no caso desse texto, histórias de vida com filmes vividas na universidade.

### CONSIDERAÇÕES

Os conceitos de narrativa e experiência, respectivamente do filósofo Walter Benjamin e do educador Jorge Larrosa, nos ajudam a refletir sobre os movimentos de formação, sensibilização pelos filmes, pela escuta e fala do outro como ações e posturas que integram o cineclube a partir do que nos trazem os jovens.

Numa análise a respeito da narrativa, Jorge Larrosa (2002) refletindo sobre o pensamento de Benjamin comenta que o sujeito moderno não tem tempo suficiente para uma experiência compartilhada e prolongada (*Erfahrung*), pois o mundo moderno, onde os acontecimentos ocorrem como um choque e as vivências são instantâneas e fragmentadas (*Erlebnis*), nada toca este sujeito, tudo o agita, o excita, o choca, mas nada lhe atravessa.

A oposição entre esses dois termos é o fio condutor para a problemática central de Benjamin acerca da experiência. Diferentemente da experiência, a vivência é passageira, não se conserva nem se perpetua para além dela e de nós mesmos. Por outro lado, a *Erfahrung* se constitui como experiência vivida que encontra permanência nos sujeitos. É neste sentido que a vida, a experiência se impõe de alguma forma ao que é narrado. Toda narrativa é atravessada pelas experiências construídas pelos sujeitos dentro de uma comunidade, ao mesmo tempo em que a narrativa os atravessa. As duas dialogam continuamente e uma não existe sem a outra.

Assim como o vaso de argila, cada narrativa é única porque traz as experiências de quem a compôs. E ao ser contada e recontada, a narrativa vai sendo tecida a outras experiências e por isso é narrada de outras formas, escutada por outros ouvidos, sendo sempre única e múltipla a cada narração e a cada experiência que cruza. Uma narrativa é sempre um fio de outra narrativa, ou de várias ao mesmo tempo. Uma rede de infinitos nós constituídos por diferentes olhares, saberes, sentimentos e ensinamentos que se entrelaçam permanentemente como nos contos de Sherazade.

---

A partir dessas reflexões, surgem indagações se estaríamos vislumbrando novos modos de experiências nos dias de hoje, que nos levam a problematizar como a narrativa sobrevive em tempos atuais. Sob o diagnóstico de uma sociedade decadente e vazia de experiências (*erfahrung*), o filósofo denuncia a extinção da arte de narrar pelo rompimento com a tradição. Contudo, esse lamento não parece alertar para o resgate de uma antiga tradição, mas nos convida a refletir sobre a necessidade de inventarmos formas novas de narrar, possibilidades outras de produzir e intercambiar narrativas coletivas e significativas em meio às experiências fragmentadas e efêmeras da contemporaneidade.

Tal assertiva nos conduz a problematizar o lugar do cineclube na Universidade como espaço possível para a *Erfahrung*, na medida em que ele propicia a criação de conhecimentos e sentidos coletivos e formadores para os sujeitos envolvidos. Se a experiência é substrato para a narrativa então é o narrador que traz à tona suas experiências ao narrar. Portanto, podemos afirmar que a participação no cineclube se constituiu em movimentos de narração tendo em vista as discussões que explicitam permanências para além do imediatamente vivido no filme assistido.

Sabendo que as sessões ocorrem nos horários das aulas, professores e estudantes interrompem suas tarefas acadêmicas, desmarcam atividades previstas, permitem-se uma parada. Infere-se nisto a dimensão de experiência como *travessia e perigo* analisada por Larrosa. Para que algo aconteça ao indivíduo, que algo lhe suceda ele precisa estar disposto a atravessar “um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” (LARROSA, 2002, p. 25).

Ao narrar sobre o filme exibido, o sujeito cria um sentido para o que foi assistido, falando sobre e através dos traços e efeitos provocados neste contato cinematográfico. Por isso a narração é sempre um contar-de-si, contar e compartilhar com o outro sua própria experiência. E ao falar sobre o que lhe tocou, o que lhe marcou no filme, narradores e ouvintes não apenas trocam experiências com o filme, com o cinema, como também as inventam e se inventam. Quem narra, relata seu ponto de vista ou o que lhe chamou atenção no filme, constrói sua relação com o que foi visto na tela e cria significados para a própria experiência, ao mesmo tempo que se afeta e se relaciona com outros sentidos e experiências. Os relatos ou narrativas deslizam umas sobre as outras, modificam sentidos, ressignificam olhares, atravessam pensamentos e (trans)formam os sujeitos. Nada pode ser mais educativo do que viver essa relação com o cinema nessa dimensão da experiência.

---

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *O Consumo Serve Para Pensar*. In: *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2010, p. 61-73.
- COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Política cultural: cultura e imaginário*. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- DUARTE, Rosália. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DUARTE, Rosália. *Estudantes universitários e consumo de filmes: produção e apropriação de significados*. Trabalho apresentado na 25ª Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), Caxambu/MG, 2002.
- FANTIN, Mônica. *Mídia-educação, cinema e produção de audiovisual na escola*. In: *XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006*.
- FERNANDES, Adriana Hoffmann. *O cinema e as narrativas de crianças e jovens em diferentes contextos educativos*. Projeto de Pesquisa, FAPERJ. 2010-2013.
- FERNANDES, Adriana Hoffmann. *As crianças e os desenhos animados: mediações nas produções de sentidos*. Ed Nau, 2012.
- GUSMÃO, Milene. *O desenvolvimento do cinema: algumas considerações sobre o papel dos cineclubes para formação cultural*. In: *IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2008, Salvador-Ba. IV ENECULT, 2008*.
- LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- MATELA, Rose Clair. *Cineclubismo, memória dos anos de chumbo*, Editora Luminária Academia, Rio de Janeiro, 2008.
- SILVA, Veruska Anacirema Santos. *Cinema e cineclubismo como processos de significação social*. *Domínios da imagem (UEL)*, v. 2, p. 137-147, 2009.



---

## RESUMO

Neste artigo pretendemos apresentar parte da pesquisa realizada no contexto de um cineclube universitário analisando entrevistas com dez frequentadores estudantes de Pedagogia de uma Universidade Federal. A proposta foi investigar as experiências desses jovens do ensino superior com o cinema dentro do espaço de formação acadêmica percebendo como eles estabelecem relações formativas com o cinema no cotidiano e na universidade. Trabalharemos com os conceitos de *consumo/cultura do cinema e narrativas e experiência* refletir ou discutir para sobre a dimensão “educativa” da prática cineclubista universitária. Tal estudo pretende trazer como contribuição o papel da linguagem audiovisual na formação cultural desses sujeitos, em sua maioria, futuros professores.

**Palavras-chave:** Cinema. Formação. Jovens.

## FILM CLUBS, NARRATIVES, AND EDUCATION; REFLECTIONS ON UNIVERSITY STUDENTS' EXPERIENCES

### ABSTRACT

In this article we will present part of the research held in a college film club analyzing interviews with 10 Pedagogy frequenters from a federal university. The purpose of this research is to investigate the experiences of these college youths with cinema as part of their academic schooling space, perceiving how they establish educational relationships with the cinema in their daily lives and in the university. Here we will analyze the concepts of consumer and film culture, narratives, and experiences in order to look into and discuss the “educational” dimension of university film club practices. Such a study contributes towards understanding the role of audiovisual language in the cultural education of these subjects, most of who will go on to become future professors.

**Keywords:** Cinema. Schooling. Youth.

*Submetido em: agosto de 2014*  
*Aprovado em: abril de 2015*